

Boletim Setembro - Cenário Econômico

Tivemos um mês dominado pela questão fiscal no Brasil. O tema não é novidade. Desde a aprovação do teto de gastos em 2016, já sabia-se que sem reformas estruturais, o teto não se sustentaria. Os gastos com a epidemia apenas anteciparam a discussão. O mercado agora questiona a sustentabilidade do regime fiscal e a capacidade de resposta do Governo brasileiro à esse desafio.

Apesar da direção correta do Governo em apresentar uma reforma administrativa, porém sem grandes efeitos fiscais no curto prazo, não diminui o desafio de manter o teto de gastos intacto.

O mercado também não recebeu bem a proposta de usar recursos de precatórios para bancar a continuidade do auxílio emergencial em 2021, não somente pela heterodoxia envolvida, mas, principalmente, pela sinalização de que o governo não estava disposto a se desgastar politicamente para patrocinar corte de outras despesas. O resultado foi uma re-precificação dos títulos de dívida do Governo e forte desvalorização da bolsa de valores.

No âmbito internacional houve grande volatilidade que tomou conta das ações das empresas de tecnologia, que vinham sendo o destaque da recuperação espetacular dos mercados acionários nos últimos meses. O Nasdaq, índice da bolsa que concentra empresas deste setor, recuou 5,2%, enquanto o S&P 500 desvalorizou-se 3,9%, puxado pelo setor.

Outro ponto importante, foi o crescente aumento do número de casos de Covid19 na Europa. Países como Espanha, França e Inglaterra voltaram a adotar medidas de restrições. Tal fato também contribuiu para o desempenho negativo do mercado acionário, uma vez que voltaram questionamentos acerca da capacidade de recuperação econômica dos países.

Nesse cenário, ao contrário de agosto em que a bolsa brasileira andou na contramão das bolsas globais, em setembro todas as bolsas se desvalorizaram.

Apesar dos acontecimentos recentes, o cenário continua sendo de manutenção da disciplina fiscal. A reação dos mercados e sociedade civil tende a levar o Governo e o Congresso a buscar soluções para a questão. Contudo, o nível de volatilidade deve permanecer alto.

Impacto na Previ-Siemens

A bolsa brasileira recuou 4,6%. Além de um cenário global mais desafiador e com as empresas de tecnologia devolvendo uma parte dos ganhos, pesou também sobre a bolsa local, a piora da percepção do risco fiscal. A renda fixa também sofreu desvalorização, principalmente em relação às NTNBS de longo prazo.

Com isso, todos os Perfis foram afetados negativamente, com peso maior no Moderado e Agressivo. Importante observar, no entanto, que os investimentos em ações no exterior nesses Perfis, ajudaram a amenizar a queda.

O Perfil Conservador, apesar de não ter alocação em bolsa, sofreu o impacto dos papéis de renda fixa mais longos.